



Sebastiana e as últimas cebolas. Laurita, revelando a intimidade dos índios com a natureza. As crianças famintas esperando comida. E o prefeito Hugo Campos, prometendo a terra para eles. Quatro lances de uma história que pode ter um desfecho trágico, caso as autoridades não se sensibilizem pelo problema, em Resplendor.

## O amargo regresso dos Krenaqes (3)

— Hiram FIRMINO

— Fotos de Evandro SANTIAGO

Cercado por preconceitos e muita promessa, os 27 índios Krenaqes, entre velhos, crianças e adultos, que fugiram domingo passado da Fazenda Guarani, em Carmésia, continuam passando fome no antigo posto indígena do Rio Doce, no município de Resplendor, quase divisa de Espírito Santo. Até ontem à tarde, não havia chegado nenhum dos alimentos que estão sendo recolhidos por várias entidades em Belo Horizonte. Também não procede a informação dada pelo tenente-coronel Jair Alves Pinheiro, Comandante

do 6º Batalhão da Polícia Militar de Governador Valadares, de que os índios estariam dispostos a deixar o local. Pelo contrário, apesar de famintos, ameaçados pelos fazendeiros e sob o perigo de desmoronamento das ruínas a qualquer momento, eles continuam convictos de que mais vale morrer onde estão seus antepassados, que retornar à escravidão da reserva. E ainda garantem controlar o latu — o Rio Doce, no dialeto Krenaque — como mostra esta reportagem.

## Na terra dos índios todos os preconceitos do homem civilizado

Descendo rio abaixo, o posto em ruínas dos Krenaqes fica 17 quilômetros de Resplendor, município de fazendeiros, uns 15 mil habitantes na zona urbana. Estação da E.F. Vitória-Minas, por onde passam as montanhas de Minas: uma média de 12 trens por dia, com 140 vagões cada um, 75 toneladas de minério de ferro em cada vagão, para fora do País. Cidadezinha pacata, o Rio Doce a dividindo em duas, passarinho cantando por tudo quanto é lado.

Brás Raimundo Viceconte, 40 anos, comerciante, foi o primeiro a falar dos índios:

— Conheço eles desde menino, eu sou nascido aqui. Fui amigo de infância do Miguel (um dos mais famosos Krenaqes na região, dada a sua destreza no artesanato e no beber). A Funai podia deixar eles ali mesmo, só. Índio é inofensivo, gosta só de pescar e beber, mas é gente. E gente vive, né?

Brás não tem nenhuma lembrança de algum conflito entre os Krenaqes e o povo da cidade, mas rebateu as acusações de que os índios são preguiçosos, como alguns moradores nos disseram:

— O Índio é o brasileiro legítimo. E nós? Nós gostamos de trabalhar? Pois é. Se a gente não gosta de trabalhar, imagina eles então. É contra a índole deles trabalhar. Eles se preocupam apenas em viver. Vocês não lembram do descobrimento do Brasil? Os portugueses conseguiram escravizar os negros, mas os índios não. É por isso que eu também sou contra esse negócio da Funai fazer projetos técnicos pra segurar os Krenaqes na Fazenda Guarani. Isso não funciona. É contra a natureza deles.

### Índio produtor

Olival Lirio da Silva, de 62 anos, proprietário do Hotel Monte-Libano, tinha uma opinião diferente, enquanto tomava café conosco. Descendente de espanhóis ele é contra a volta dos índios à região:

— Esse bicho dá um trabalho! Por que voltar pra cá. Aqui só tem capim.

Sua mulher, Nilsa Robaina da Silva, também sentada à mesa conosco, interveio logo:

— Coitado deles! A guarda-floresta ainda não deixa eles pescar no rio.

— O que? Eles não podem pescar não?

O hotelheiro ressaltou:

— Isso eu também acho errado. Pelo menos pra eles, né? Senão, aí é que eles vão morrer mais depressa.

Mas voltou à carga, balançando a cabeça pra lá e pra cá, enquanto comia pão:

— Esses índios...

— O que que tem eles?

— Quando o Cabral chegou no Brasil, ele não foi recebido pelo índio?

— Foi

— E então? Hoje nós somos 120 milhões de brasileiros. E os índios hoje? Quantos são? Se eles fossem bem de produção, não fossem vagabundos...

Um hóspede do hotel, que tomava café ao lado, na outra mesa, corrigiu:

— Esses não são índios não. São bugres.

"Seu" Olival voltou à prosa:

— Eu moro aqui em Resplendor desde 1943. Antes, havia muito peixe no Rio Doce.

Eles (os Krenaqes) viviam de peixes. Depois veio a polícia florestal e não deixou mais nenhum índio, nenhum pescador do lugar pescar mais. Disse que só podia legalizado. Você sabe como é essa gente aqui. Gente pobre que não entende dessas coisas, acabou sendo prejudicado.

Dona Nilsa lamentou também. Ele continuou:

— Veio a poluição também. Os peixes diminuíram bastante com as descargas da Usiminas, da Acesita. A Ceni-bra, então, acabou de estragar tudo. É isso, as autoridades, ao invés de se preocuparem com a poluição, com os marginais, vêm aqui e proíbem esses coitados de pescar pra comer. Esse Brasil, daqui um pouco, a gente vai ter de comer ferro.

### Muita doença

Wilson Batista, de 62 é vaqueiro na região desde crian-

ça. Conheceu os Krenaqes mais velhos, foi vizinho deles durante muito tempo. Ele ri, fica com o rosto iluminado quando fala dos índios. Pediu pra dar o seu depoimento:

— Põe aí que eu sou testemunha que eles não são vagabundos coisa nenhuma. Eles trabalham feito uns desgraçados, sempre trabalharam. Eles nunca foram ajudados por ninguém. Cada um que foi lá só tava interessado em roubar o que era deles. Eu não conheci só esses Krenaqes que voltaram não. Conheci os pais deles, seus avós. O que já morreu de índio ali, vocês não podem acreditar. Eles eram muito afetados por doenças, principalmente a tuberculose. Eles têm três cemitérios lá. Outro dia mesmo, a gente tava ficando uns tóco lá e achamos um monte de cabeças de índio.

### Terra deles

Fomos xerocar o documento dos Krenaqes e avistarmos com o prefeito, antes de retornarmos, passamos antes numa loja e fomos advertidos por um senhor de idade, que não quis dar seu nome:

— Cuidado com o prefeito, hein? Ele é político que só vende. Ele já pegou também muita coisa dos índios.

Em seu gabinete, sob a bandeira nacional e a fotografia do ex-presidente Ernesto Geisel na parede, o prefeito Hugo Campos se colocou favorável à volta dos índios à região:

— Até certo ponto, eu acho justo sim o que eles fizeram.

— Quer dizer que se eles permanecerem em Resplendor, o senhor não se opõe?

— Não

— O senhor cederia a área pra eles?

— Este é o problema menor. Só que aquele terreno pertence ao Estado, à Ruralminas, — ressaltou o prefeito.

— Mas ele não foi passado à Prefeitura, na forma de comodato para a construção do patronato (que foi levado pelas águas)? Então ele pertence à Prefeitura, não é? Ou a Pre-



Assim os Krenaqes, com suas 15 crianças, estão acomodados na beira do Rio Doce, em Resplendor. Onde pretendem ficar até a morte.

feitura pretende reconstruir o patronato ali?

— Não, nós não iremos fazer isso — respondeu Hugo Campos — o patronato é muito importante para a cidade, mas o direito dos índios é maior. Também seria impossível abrigar ali todos os meninos do patronato. Eles estão sendo assistidos aqui mesmo, em Resplendor, na área do antigo seminário.

Perguntamos-lhe se a Prefeitura teve alguma participação na transferência — sob algemas e ameaças — dos Krenaqes para a Fazenda Guarani, em Carmésia, de onde eles agora fugiram. Ele respondeu que não, que tudo partiu da Funai, da polícia florestal. Disse que já esteve com os índios, de quem ele se considera amigo:

— Conheço eles há muito tempo. Na administração anterior — eu sou prefeito aqui pela segunda vez — eu ia sempre lá.

— E eles são vagabundos, como os fazendeiros estão dizendo por aí?

— De jeito nenhum. Eles sempre trabalharam.

A entrevista estava terminada, tínhamos de regressar logo a Belo Horizonte. Perguntamos mais uma vez ao prefeito Hugo Campos:

— Quer dizer que a Prefeitura vai deixar os índios onde eles estão?

— Desde que eles não saiam daquela área.

— Qual é a área deles?

— Trinta quilômetros quadrados.

— E a do município?

— Hum mil e vinte e oito quilômetros quadrados.



Esta é a fisionomia geral da dor e da desesperança Krenaque no homem branco

## A sabedoria e a natureza como aliados

De volta a Belo Horizonte, passamos nos Krenaqes outra vez. Além do documento que tínhamos de devolver ao cacique, eu ainda queria falar com eles sobre o perigo das enchentes, que poderiam ocorrer novamente. O barqueiro estava esperando a gente, do outro lado do rio. Ao primeiro aceno, ele veio ao nosso encontro. O fazendeiro Adão Félix da Silva também estava no cais. Foi a segunda vez que o vimos ali. Na primeira, ele se identificou como funcionário do Vale do Rio Doce, apenas apreciando a paisagem. Desta vez, porém, ele era o proprietário das terras que se avizinham ao leste, com os índios.

— Mas aquelas terras também não pertencem aos Krenaqes? — perguntamos.

— Eu as comprei — ele respondeu.

— Quem as vendeu pra senhor?

— O Rondon Pacheco.

Pedimos sua opinião sobre os índios, ele não teve como esconder seu ódio. Apenas resmungou, entrando no carro e saindo à alta velocidade.

— Esses índios...

### Índio sabe

"Seu" Neném, o barqueiro de uma perna só, chegou com aquela cara boa, molhado com a chuva que caía fininha. Pedi que ele me levasse até os Krenaqes, e sua fisionomia não mudou. Ele ainda falou:

— Se tor para ajudar os índios...

— Chegando na aldeia o visual permanecia quase o mesmo, não fosse o choro de fome de algumas crianças. Xacru ou Sebastiana, de 78 anos de idade, espécie de guia dos Krenaqes, mexia no fogão. Na panela, como no dia anterior, apenas algumas cebolas. O pessoal foi chegando, eu fui perguntando logo:

— Negócio seguinte. Eu esqueci de perguntar um negócio muito importante. Mesmo que a Prefeitura, a Funai, as autoridades deixem vocês ficarem aqui, tem o perigo da enchente, não tem? Vocês não estão vendo como as enchentes do ano passado acabaram com isso aqui?

Sebastiana já responder, Laurita atropelou:

— Teve enchente porque o índio saiu daqui.

— Ué? Quer dizer que nunca houve uma enchente antes aqui?

— Enquanto índio morou aqui, não — frisou Sebastiana. Eles tiraram a gente daqui à força, fizeram um patronato aqui, as águas levaram tudo, vão levar sempre.

— Mas, e vocês? Quem lhes garante que não pode haver outra enchente? As índias riram. Os homens também, algumas crianças.

— Eu só quero saber como é que vocês podem ficar tranquilos assim.

Riram mais um pouco. Laurita falou:

— Não vai haver mais enchente, não. Branco não sabe disso, mas a água só veio aqui porque a gente saiu. Agora a gente está de volta, isso não acontece mais.

— O que que vocês fazem?

— O rio vai enchendo, índio pega uma varinha (ela não disse de qual madeira) e bate três vezes na água, quando o sol tiver quase morrendo, no dia seguinte, a água abaixa. Se continuar chovendo, a gente repete isso.

Sebastiana ainda recitou, orgulhosa, a prece que é feita neste momento.

Não foi preciso despedir. O barqueiro levou-nos até o carro. Às 17h10m, passávamos pela Barra do Coité, logo depois de Galiléia. Um lugarzinho atrás de uns coqueiros, o sol refletindo no Rio Doce, morrendo na outra margem. Evandro não resistiu. Pediu licença pra gente, pôs a cara pra fora do carro e gritou um "maravilha. Isso é bonito demais!", que não teve tamanho. Dezenas de garças voavam rente ao rio, os cavalos pastavam à beira d'água. O céu estava todo vermelho. Estávamos deixando a terra dos índios.